

falas das personagens, são agora apresentadas em parágrafo independente, o que facilita a leitura da peça.

A acompanhar a *Tradução*, mantêm-se as úteis *notas explicativas*. Ainda que algumas tenham sido oportunamente reformuladas e actualizadas, na generalidade, foram preservadas as que se apresentaram nas edições de 1978 e de 1988. Apraz-nos constatar que as mesmas notas se encontram agora em rodapé, e não no final do livro, depois da *Tradução*. A opção por este tipo de disposição permite que a leitura se processe de forma mais fluente.

Este volume é ilustrativo do trabalho credível e rigoroso a que a A. já nos habituou, sendo, por isso, merecedor do nosso aplauso. Saudamos igualmente a editora desta colecção, que, ao apoiar o projecto *Clássicos Gregos e Latinos*, proporciona a um público de gostos heterogéneos a leitura de obras de referência universal.

EMÍLIA OLIVEIRA

Maria Helena Ureña Prieto, *Dicionário de Literatura grega*, Lisboa, Verbo, 2001. 476 pp.

É sempre de saudar todo o novo contributo que possa enriquecer a bibliografia existente em língua portuguesa sobre a literatura grega antiga. Se o património de traduções tem vindo a crescer nos últimos anos, bem como a biblioteca crítica e de estudos, faltava porventura um estudo de conjunto e de referência como o referido em epígrafe. Elaborado por alguém que é dos mais consumados especialistas em Portugal, este *Dicionário* destina-se a um público, nas suas próprias palavras (p. IX), que, embora não conheça o grego, tenha interesse intelectual na Grécia e suas realizações literárias e culturais. O seu propósito é fornecer informações, de forma breve e acessível, sobre as vidas e obras dos autores e sobre domínios e géneros literários gregos. Trata-se, portanto, de um estudo de consulta e referência, e que, por essa razão, não pode nunca esgotar tudo quanto há para dizer acerca de determinado autor.

Além de artigos, o livro fornece informação bibliográfica em várias línguas acerca de cada autor ou género, indicada na Bibliografia Geral classificada (pp. 457-468). Além desta, salienta-se a inclusão de bibliografia em língua portuguesa (produzida tanto em Portugal como no Brasil), no fim de cada artigo. Este esforço, contudo, não conheceu sucesso completo, pela falta de resposta das editoras, de um lado como do outro do Atlântico, aos contactos encetados. No cômputo geral, deve assinalar-se a conveniência de o leitor possuir informação bibliográfica em português coligida sobre os autores, bem como a preocupação de o orientar para quanto de essencial se escreveu em todo o mundo acerca de cada autor e género. Completa o livro um índice dos artigos (469-474).

O âmbito cronológico dos autores recenseados, pelo que se pôde verificar, cobre cerca de dois milénios, de Homero até ao século IX da nossa era (representado por Fócio). O elenco de autores não é exaustivo, tendo ficado de fora

muitos dos quais somente se conhecem nome e fragmentos. A opção é justificada pelo público a que o *Dicionário* se destina (p. XI). Contudo, sentimos, particularmente, falta de retóricos. Há um artigo sobre a Oratória (pp. 317-322), e outro sobre os Logógrafos (pp. 284-285). No artigo sobre a Segunda Sofística, referem-se desenvolvimentos da teoria retórica e da prática oratória durante o respectivo período, e menciona-se o nome de Aftónio de Antioquia (séc. V d.C.). Em nosso entender, porém, é insuficiente, e nomes como o do retor e filósofo Hermágoras de Temnos (séc. III a.C.), de Élio Téon de Alexandria (2^a metade do séc. I d.C.), de Hermógenes de Tarso (sécs. II-II d.C.) certamente mereceriam, cada um, artigo particular: o primeiro, pela sistematização de novos paradigmas na teorização das divisões retóricas (em especial a dicotomia *tese/hipótese*); o segundo, pela circunstância de ter sido autor dos mais antigos — e o mais original — manual de *Exercícios Preparatórios* conservado; o último, pelo trabalho de sistematização da tradição escolar anterior e pela aceitação de que viria a gozar na posterior, em domínios da invenção retórica e das categorias do estilo. De outros campos, talvez merecessem igualmente menção um Apolónio Díscolo (séc. II d.C.), para muitos, um dos mais reputados tratadistas de gramática da Antiguidade e o “Pai” da sintaxe; ou um Autólico de Pítane (360-290 a.C.), geómetra e astrónomo, e autor dos mais antigos textos científicos gregos conhecidos.

Há, por outro lado, grande profusão de informações relativamente ao género romance e seus representantes, em comparação com as notícias relativas a outros autores da maior importância, como Platão ou Aristóteles. Esta opção é assumida, e prende-se com o facto de estes serem sobejamente conhecidos do grande público, ao contrário do que sucede com o romance e os romancistas, e isto em contraste com a circunstância de o romance ser hoje o género mais divulgado nas literaturas ocidentais.

A concluir, estamos certos de que este será do maior interesse para todos os interessados na cultura, civilização e intelectualidade gregas, e que a ela desejem aceder, através dos testemunhos apropriados, que são os autores. Não obstante, nas mãos de público mais especializado (entenda-se, estudantes, docentes e investigadores de filologia clássica), não deixará de ser uma útil obra de referência, para uma primeira consulta a propósito de um determinado autor ou género.

RUI MIGUEL DE OLIVEIRA DUARTE

Cristina de Sousa Pimentel, Delfim Ferreira Leão, José Luís Brandão e Paulo Sérgio Ferreira, *Marcial: Epigramas*. Vol. III, Lisboa, Edições 70, 2001 (142 pp.).

Veio a público, no passado mês de Novembro, mais um volume dos *Epigramas* de Marcial, desta vez respeitante à tradução portuguesa dos Livros VII, VIII e IX.

À semelhança do verificado nos dois volumes anteriores, assinala-se como texto de referência para a presente obra de tradução a edição de D. R. Shackleton